

PELOTAS DO SÉCULO XIX E A RELAÇÃO COM A SOCIEDADE CAPITALISTA ATRAVÉS DA CULTURA MATERIAL NO ESPAÇO URBANO E SUAS CONSTRUÇÕES

YURI ZIVAGO YUNG GRILLO¹; CLÁUDIO BAPTISTA CARLE²

¹*Universidade Federal de Pelotas 1 – yurziyun@gmail.com* 1

²*Universidade Federal de Pelotas – cbcarle@yahoo.com.br* 2

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta alguns resultados prévios da pesquisa que estamos desenvolvendo no programa de pós-graduação em Antropologia com área de concentração em arqueologia (PPGANT), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Através desta pesquisa, procuramos compreender o processo de desenvolvimento urbano, produtivo e ideológico de Pelotas durante o século XIX e início do século XX. Este é um período marcado por importantes transformações históricas e políticas, com a consolidação de uma formação econômico-social mundial do capitalismo industrial (HOBSBAWM, 2016). Assim sendo, consideramos que as mudanças que ocorriam em Pelotas estavam relacionadas com as transformações mundiais deste sistema, e com o cenário político-econômico em que o Brasil se inseria. Nesse sentido, a pergunta que nos têm guiado durante esta pesquisa pode ser assim resumida: de que forma as transformações econômicas e sociais mundiais, que ocorreram na formação econômico-social da civilização capitalista, impactaram na formação e desenvolvimento material da sociedade pelotense?

A relação de produção predominante durante o século XIX no Brasil, era o Escravismo Colonial até o ano de 1888 (MOURA, 2014), sendo uma relação entre senhores e escravizados, que não é padrão no modo de produção capitalista industrial. Por outro lado, dentro de um contexto maior de divisão internacional do trabalho, o Brasil estava inserindo em uma lógica capitalista de produção e consumo que refletiam as características das transformações capitalistas (*idem*). Estas transformações aparecem na cidade com o crescimento populacional urbano, o surgimento de indústrias, produção voltada para o mercado, divisão do trabalho, controle do tempo de produção e o aproveitamento total da matéria prima, no que difere das atividades econômicas anteriores (ARRIADA, 1994). Além disto, esta produção, utilizando a mão de obra escravizada, gerava acúmulo exorbitante de excedente que, no caso de Pelotas, culminou na formação de um complexo de indústrias charqueadoras, ostentação do acúmulo adquirido através da construção de um núcleo urbano elitista, a intensificação do comércio, e a ordenação do espaço público (*idem*). Todas estas transformações deixaram registros, não só escritos, mas também na cultura material, de onde surge a possibilidade de estudá-las através da arqueologia.

2. METODOLOGIA

As transformações sociais capitalistas que identificamos terem ocorrido na cidade de Pelotas estão sendo analisadas através da cultura material e com o apoio dos dados bibliográficos, realizando um trabalho de arqueologia histórica. Soma-se a isto os conceitos e métodos teórico metodológicos desenvolvidos no seio de desdobramentos internos da arqueologia, tais como as disciplinas de

arqueologia da arquitetura, através da análise de construções em pedra e barro, e a arqueologia urbana, onde a cidade é encarada inteiramente como um artefato, relacionando as diferentes partes de uma cidade em sequência estratigráfica (THIESEN, TOCCHETTO; 2007).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O surgimento das charqueadas em Pelotas está diretamente relacionado com a descoberta de ouro e pedras preciosas na região de Minas Gerais no final do século XVIII, quando a administração pombalina proíbe as rotas desta região para o nordeste (PRADO JUNIOR, 1998). Esta situação articula a produção de gêneros alimentícios na região Sul, para alimentar a população de escravizados empregados na extração de minérios (idem). A região de Pelotas, já abrigava estancieiros que fugiram do confronto com a Espanha no porto de Rio Grande, e passaram a desenvolver uma nova atividade produtiva nesta região, voltada para o abastecimento do mercado interno (GUTIERREZ, 2001). Neste contexto as charqueadas surgem em simbiose com os estancieiros latifundiários, que vendiam o gado para os charqueadores e estes, utilizando a mão de obra escravizada, aproveitavam todas as partes do gado e o tempo dos escravizados, inclusive na produção sazonal em olarias (idem).

Com o acúmulo cada vez maior de riqueza, os charqueadores importavam cada vez mais africanos para empregar neste trabalho, criando uma sociedade com altíssima densidade populacional de escravizados (ARRIADA, 1994). Paralelamente, também atraíam para esta região ex-escravizados, peões e colonos açorianos pobres, camponeses sem-terra, que foram se estabelecendo no entorno das regiões dos “passos”, lugares onde era conduzida a travessia do gado pelos tropeiros, e onde uma rede de estabelecimentos comerciais e de moradias surgia. Entre estas regiões, destaca-se o Passo dos Negros, lugar onde cruzavam a travessia do Canal São Gonçalo e a Estrada das Tropas em direção às charqueadas, ponto onde eram cobrados impostos e acontecia um intenso comércio, inclusive de escravizados (idem).

O Período seguinte da pesquisa, profundamente influenciado pelos acontecimentos entre a fuga da corte portuguesa ao Brasil em 1808 até a proibição definitiva do tráfico negreiro em 1850 (PRADO JUNIOR, 1998), marca em Pelotas o surgimento de um núcleo urbano planejado para a moradia, proteção e sociabilidade da elite charqueadora, que procurava um espaço distante da atividade produtiva do charque e onde pudesse ostentar a riqueza (ARRIADA, 1994). Além disto, a vinda da corte para o Brasil abriu oportunidades para que membros da burguesia pudessem adquirir títulos nobiliárquicos, o que era conquistado através de construções arquitetônicas monumentais, o estilo de vida luxuoso, e a posse de meios de produção, por meio do qual a burguesia pretendia mostrar a “opulência” que legitimasse o seu status (MAGALHÃES, 2017). Por outro lado, a aristocracia ligada aos laços de sangue pretendia manter sua existência na nova ordem social capitalista, de onde a legitimação do poder não se dava em virtude do sangue, mas pela atividade econômica.

No período seguinte, de 1850 até 1888, surgem novas atividades produtivas no Brasil, como o café, e ensaiou-se a utilização de mão de obra assalariada (PRADO JUNIOR, 1998). Este ensaio, feito através da imigração de colonos europeus, deve-se à percepção da eminência do fim da exploração escravizada, devido as constantes rebeliões e revoltas da população negra, cada vez mais organizada, mas também pela ideologia do branqueamento da população, que pretendia suprimir a existência da população negra (MOURA, 2014). Este período na cidade de Pelotas é marcado pela criação de um novo centro, em torno da

Praça da Regeneração (atual Praça Cel. Pedro Osório), com edifícios públicos e moradias da elite em estilo arquitetônico influenciado pelo neoclássico (PEIXOTO, CERQUEIRA, 2006). Longe do primeiro centro da elite, que era em torno da Catedral São Francisco de Paula, este centro foi construído ao redor do antigo pelourinho, onde aconteciam as execuções públicas (ÁVILA, RIBEIRO, 2015), bem como do Mercado Público, do teatro 13 de Abril e mais tarde da Prefeitura e da Biblioteca Pública, demonstrando a transformação em importância da centralidade do comércio e do espetáculo para a sociedade burguesa, comparado com a importância que a religiosidade possuía em períodos anteriores. Por outro lado, os levantes negros também aparecem na história material de Pelotas, através da formação de quilombos que ocorrem desde o início da revolução farroupilha, bem como dos códigos de posturas da cidade, cada vez mais preocupados com a segurança dos senhores escravistas e com a punição de negros rebeldes (ARRIADA, 1994). O processo de produção do charque continua o mesmo durante este período, mas começam a surgir novas indústrias na cidade e uma tendência a formação de monopólios, pequenos e grandes charqueadores, começa a aparecer perto do final, com a aproximação da abolição (VARGAS, 2011).

Por fim, o último período desta pesquisa, que vai de 1888 até 1930, é caracterizado pelo fim do escravismo colonial como relação de produção e a introdução do Brasil no cenário internacional como um país plenamente capitalista, mas de um capitalismo subserviente e dependente da exportação de produtos primários (PRADO JUNIOR, 1998). Esta etapa marca em Pelotas a decadência das charqueadas, uma vez que esta produção se mantinha através do trabalho escravizado e para o fornecimento de alimentação de escravizados em outras atividades produtivas do país (VARGAS, 2011). Apesar do fim do ciclo charqueador, Pelotas se mantém com novas atividades produtivas, através de outras indústrias, explorando a mão de obra assalariada e o sobretrabalho, continuando o processo de acumulação e ostentação do excedente, manifestos em novas construções da elite. Em contrapartida, no centro urbano, cada vez mais populoso, surgem os cortiços e vilas operárias, onde trabalhadores viviam em péssimas condições de vida, mas sendo as únicas possíveis para manterem-se em lugares próximos do trabalho (MACIEL, 2014; GILL, 2006). Estas moradias são perseguidas pelas leis municipais do período, com as políticas públicas motivadas pela ideologia higienista (*idem*).

4. CONCLUSÕES

Através desta pesquisa, percebemos que as características do capitalismo identificadas por Karl Marx (1985) como “Alienação”, “Fetiche” e “Coisificação” aparecem na sociedade urbana em núcleos de concentração destes fenômenos, que são facilmente perceptíveis na cultura material: o conceito de alienação, relacionado com a apropriação do excedente do trabalho produzido por uma classe não produtora, aparece na concentração em alguns lugares de indústrias e mercados em algumas regiões da cidade; o fetiche, onde as coisas recebem da sociedade um valor de troca maior do que seu valor de uso, um empoderamento desproporcional, está presente na opulência dos casarões e no modo de vida de seus proprietários; por fim, o conceito de coisificação, onde os indivíduos são tratados como mercadoria ou forçados a se vender como tal, aparece na venda de escravizados, no confinamento destes em senzalas, na desconsideração por suas vidas através da repressão, bem como através das moradias de trabalhadores assalariados, em geral, forçados a viver amontoados como produtos e a trabalhar como máquinas na produção da sociedade capitalista.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIADA, Eduardo. **Pelotas - Gênesis e Desenvolvimento Urbano (1780-1835)**. Armazém Literário, 1994.

ÁVILA, Cristiane Bartz; RIBEIRO, Maria de Fátima Bento. COSMOPOLITISMO E REPRESSÃO DO SÉCULO XIX: “O MEDO DO OUTRO” E A RESISTÊNCIA À ESCRAVIDÃO NA CIDADE DE PELOTAS-RS. In: **1º Colóquio Internacional de História Cultural da Cidade** – Sandra Jatahy Pesavento, Sessão temática cidade. Porto Alegre, 2015.

GILL, Lorena Almeida. Labirintos ao redor da cidade: as vilas operárias em Pelotas(RS) 1890-1930. In: **História Unisinos**. Vol. 10 Nº 1 - janeiro/abril de 2006.

GUTIERREZ, Ester J. B. **Negros, Charqueadas e Olarias**: um estudo sobre o espaço pelotense. 2^a ed. – Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 2001.

HOBSBAWM, Eric J.. **A Era das Revoluções, 1789-1848**. 36^a ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2016.

MACIEL, Letícia Nörnberg. **Uma abordagem arqueológica sobre os cortiços pelotenses entre os séculos XIX e XX**. 2014. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

MAGALHÃES, Mario Osorio. BARÕES DO CHARQUE. p. 30-31; In: LONER, Beatriz Ana; GIL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osorio [organizadores]. **Dicionário de História de Pelotas**. 3^a ed. Pelotas: Editora UFPEL, 2017.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política**. Volume I. Apresentação Jacob Gorender; coordenação e revisão de Paul Singer; tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. – 2^a ed. – São Paulo: Nova Cultura, 1985.

MOURA, Clóvis. **Dialética Radical do Brasil Negro**. / Clóvis Moura. – 2.ed. – São Paulo: Fundação Maurício Grabois, co-edição com Anita Garibaldi, 2014.

PEIXOTO, Luciana da Silva; CERQUEIRA, Fábio Vergara. SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO DO CENTRO HISTÓRICO DE PELOTAS RS / BRASIL. In: **Anais do V encontro do Núcleo Regional Sul da Sociedade de Arqueologia Brasileira** – SAB/Sul. Rio Grande, RS, 2006.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. 43^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

THIESEN, B. V.; TOCCHETTO, F. . A memória fora de nós: a preservação do patrimônio arqueológico em áreas urbanas. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 33, p. 175-199, 2007.

VARGAS, Jonas Moreira. Das charqueadas para os cafezais? O comércio de escravos envolvendo as charqueadas de Pelotas (RS) entre as décadas de 1850 e 1880. **5º ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.